

## UM JORNAL NA FRONTEIRA: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES NO SEMANÁRIO ESTUDANTIL “O BONDE”

Jairo Barduni **FILHO**<sup>1</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora  
rfbarduni@yahoo.com.br

Anderson **FERRARI**<sup>2</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora  
aferrari13@globocom

Eduardo Simonini **LOPES**<sup>3</sup>

Universidade Federal de Viçosa  
simonini198@gmail.com

**Resumo:** A Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) foi inaugurada em 1926 e, em 1969, federalizada como Universidade Federal de Viçosa (UFV). Entre 1920 a 1940, a instituição se tornou um local de estudo hegemonicamente masculino, nutrido em um ethos institucional de disciplina, responsabilidade e racionalidade científica, denominado de “espírito esaviano”. Este “espírito” visava um corpo discente responsável e capacitado nas ciências agrárias. Um dos veículos de divulgação do “espírito esaviano” foi o jornal estudantil “O Bonde”, que de 1945 e 1963, deu voz aos estudantes daquele campus estudantil. Dedicando-nos, pois, ao procedimento de analisar artigos publicados naqueles jornal, observamos que “O Bonde” funcionava como recurso de policiamento de atitudes que destoassem daquelas defendidas pelo “espírito esaviano”. E pela denúncia de movimentos estranhos entre estudantes, “O Bonde” se transformava em campo de fronteira de diferentes regimes de subjetivação, principalmente no que se refere à produção de masculinidades entre os discentes.

**Palavras - chave:** educação, masculinidades, vida estudantil.

**Abstract:** The School of Agriculture and Veterinary Science (ESAV) was inaugurated in 1926 and, in 1969, federalized as Federal University of Viçosa (UFV). Between 1920 and 1940, the institution became a hegemonically male study site, nurtured in an institutional ethos of discipline, responsibility, and scientific rationality, termed the “Esavian spirit.” This “spirit” aimed at a responsible and capable student body in the agrarian sciences. One of the vehicles to spread the spirit was the student newspaper “O Bonde”, which in 1945 and 1963 gave voice to the students of that student campus. In order to analyze the articles published in those journals, we observed that “O Bonde” functioned as a policing device for attitudes that deviated from those espoused by the “Esavian spirit”. And by denouncing strange movements among students, “O Bonde” became a frontier field of different regimes of subjectivation, especially with regard to the production of masculinities among the students.

**Keywords:** education, masculinities, student life

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2005).

<sup>3</sup> Doutor em Educação. Atualmente é professor adjunto na Universidade Federal de Viçosa/MG.

**Algumas palavras sobre a construção das masculinidades.**

A masculinidade, tal como conhecemos, é típica do ocidente. Trata-se de um conceito que é nosso, embora haja ritos e provas de virilidade em diversos lugares da terra. Por essa razão, não podemos aplicar esse conceito tal como ele é pensado por nós, ocidentais, ou teorizado por nós, a outros contextos continentais aleatoriamente, sem as devidas precauções (GUASH, 2006). Essa aprendizagem de masculinidade deve ser pensada como um projeto de gênero que, segundo Connell (2013), tem de ser vista de modo mais amplo, como a capacidade reprodutiva das diferenças de gênero que são trazidas para a prática social. Como vivenciamos estas construções sociais que impactam com a nossa relação com os corpos? “Nós vivenciamos as masculinidades (em parte) como certas tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar, e assim por diante” (CONNELL, 2013, p.189). Seffner (2016, p.193) ainda acrescenta: “O corpo não é um continente seguro, de onde podem derivar definições acabadas sobre o pertencimento do sujeito, pois há uma compatibilidade ambígua entre sexo, práticas sexuais e desejo”.

Connell (2013), alertando para o equívoco de analisar as relações de gênero como dicotômicas, destaca que, ao olharmos para tais relações, devemos buscar a complexidade que existe em cada contexto. Esse cuidado traz uma interessante contribuição para os estudos das masculinidades: o fato de que diferentes masculinidades são construídas dentro do mesmo contexto. Assim, é possível pensar que, dentro de uma mesma instituição escolar, por exemplo, ocorram modos diversos de apresentar a masculinidade, com a presença do modelo hegemônico, assim como aqueles considerados marginalizados ou mesmo resistentes. Como existe certa contradição da masculinidade, é possível encontrá-la presente em mulheres, assim como a feminilidade presente em homens, sendo este o caráter que torna o gênero uma categoria histórica e mutante (CONNELL, 2013).

Contudo, o processo pelo qual é modelada a masculinidade hegemônica não ocorre no vazio. A elaboração de uma cultura para essa masculinidade foi historicamente arquitetada como políticas de construção ligando o homem ao prazer dos jogos de aventura, das competições, à paixão e afinidade para com o futebol, aos riscos, à violência e à invenção de imagens de contemplação como super-heróis e soldados. A guerra é um cenário de valorização do homem, aquilo que Connell (2013) chama de uma política de

*lobby das armas*, em cuja construção a produção midiática possui enorme participação. Portanto, falo de um escopo de artefatos culturais que ajudam a formar a identidade de uma biografia masculina de sucesso.

A afirmação da virilidade está explícita, nesse escopo, para a masculinidade hegemônica, que também inclui o mérito das conquistas amorosas, a capacidade racional para o mercado de trabalho e o domínio da família e da casa. Ademais, o mundo de uma masculinidade hegemônica se organiza por regras e códigos. Assim, para conseguir a integração com seus pares, seja na escola, na família ou trabalho (empregadores), o homem deve aprender a colocar em prática todo esse aprendizado cotidiano.

Desse modo, são os lugares convertidos em espaços de aprendizagem social para com os dados de uma cultura masculina. Como afirma Connell (2013), esse movimento produz, como custo, a repressão de sentimentos e, conseqüentemente, até mesmo certa dificuldade do homem nas relações com as mulheres e, creio eu, também com os próprios homens. O aspecto relacional fica claro nas palavras de Cortés (2004, p. 42):

(...) podemos decir que la masculinidad no se tiene, sino que se ejerce, y el poder es el eje central de su constitución y ejercicio. La identidad masculina nunca viene dada; por el contrario, se tiene que ir consiguiendo, afianzando y definiendo, siempre, en relación con los “otros”.

O caminho da masculinidade não é um caminho fácil de ser aprendido. Reprimir os sentimentos é doloroso, podendo ocasionar males silenciosos e também desconhecidos, pois o que ocorre é que se aprende a ser homem “na marra”, ou seja, à força. O campo da masculinidade tem muito a ver com a própria relação de poder pensada por Foucault (2012). Sempre que há relação de poder como a repressão, há também resistência, pontos de resistências móveis e transitórios, lutas travadas e criadoras das multiplicidades de masculinidades. De acordo com Machado (2012, p. 18), “não existe propriamente o lugar da resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social”. A masculinidade, assim como o poder, deve ser vista como uma categoria em constante luta, de disputa, um jogo de estratégia.

É pensando nessas concepções de construção das masculinidades que nos colocamos a analisar algumas matérias do jornal estudantil masculino *O Bonde*, que circulou entre 1945 até 1963. O jornal construiu as masculinidades e as masculinidades

construíram o jornal. Foi uma mídia de homens produzida para homens. No entanto, é importante conhecermos o local, a instituição que surgiu o jornal e sua ideologia educacional.

### **Investir na ESAV é investir na força masculina**

No dia 28 de Agosto de 1926, a pequena cidade de Viçosa, situada na Zona da Mata mineira, parou com todas as suas atividades a fim de participar de um evento que marcaria a trajetória daquela comunidade. As mulheres se vestiram com requinte; os homens usaram seus melhores ternos e chapéus e crianças foram trajadas com esmero para saudar aquele dia e aquele momento.

A figura mais ilustre e esperada àquele evento foi Arthur da Silva Bernardes, então Presidente do Brasil, que voltava a sua terra natal (ele nascera em Viçosa) para inaugurar o projeto do qual fora o idealizador: a Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV). Naquele dia foi, então, plantada uma semente – do que cerca de cinco décadas mais tarde haveria de se tornar a Universidade Federal de Viçosa (UFV) – que germinaria inserida em um projeto político, econômico e igualmente social que tinha como um de seus principais objetivos fomentar em Minas Gerais um espaço de produção de tecnologia agrícola capaz de intervir nos modos de produção das comunidades rurais.

Àquela época, como nos tempos atuais, a agricultura tinha um papel importante na economia brasileira, sendo que o controle e o aperfeiçoamento da tecnologia agrícola oferecia, àqueles que estivessem à frente de tais recursos, uma vantagem significativa no controle político/econômico da nação. Neste sentido, no primeiro discurso proferido na Escola de Agricultura e Veterinária, naquele 28 de agosto de 1926, Bernardes deixou explícitas suas intenções ao declarar que:

Instituto como este e equivalentes devem ser espalhados pelo Brasil. A agricultura tem necessidade de técnicos e peritos. A exploração da terra tem que ser dada, cada vez mais, a uma orientação científica. O Brasil, antes de tudo, tem que ser um grande país agrícola. (...) O grande interesse do Brasil está ainda na agricultura, está no aumento da produção, está na solução de todas as nossas dificuldades financeiras (BERNARDES, 2006, p.56).

Seguindo por essa perspectiva, a escola idealizada por Bernardes deveria ter, além de uma vertente acadêmica, um aspecto igualmente prático e ativo que se dispusesse ao progresso e ao crescimento, marcado por uma proposta de desenvolver tecnologias que propiciassem competitividade à produção agrícola mineira. O modelo para sua escola ele encontrou nos *Land Grant Colleges*<sup>4</sup> norte-americanos que, com seu pragmatismo, desenvolviam na época uma postura educacional pautada em três bases: ensino, pesquisa e extensão.

Através, então, de seus contatos com o consulado do Brasil em Washington, Bernardes conseguiu com que Peter Henry Rolfs – diretor do Colégio de Agricultura da Flórida (ligado à Universidade da Flórida) – aceitasse o convite brasileiro de montar em solo nacional uma escola nos modelos arquitetônicos, filosóficos e educacionais dos *Land Grant Colleges*. Se partiu de Bernardes a idéia de construir uma escola de agricultura na Zona da Mata mineira, foi Rolfs quem deu corpo e alma àquela instituição, introjetando nas terras viçosenses todo um ritmo de trabalhar, pensar e fazer o conhecimento atento à filosofia do “aprender-fazendo”; atento a uma política de resultados observáveis e práticos; atento a um produzir pesquisa que desse um passo para além do empirismo ingênuo que dominava as práticas agrícolas.

Assim, a postura pragmática americana marcou a história da ESAV – e, conseqüentemente, a da própria UFV – inaugurando um modo de fazer ciência agrária sustentado numa conduta experimental. Por sua vez, se os primeiros discentes que iniciaram seus estudos na ESAV (fosse no curso Breve, Elementar, Médio ou Superior<sup>5</sup>) foram submetidos a aulas teóricas e práticas que primavam pelo rigor científico, havia a necessidade de, além do trabalho no campo, promover-se uma intervenção sobre a mentalidade daqueles que dioturnamente praticavam aquela instituição. Isso porque a ESAV, no entendimento de Rolfs e do seu sucessor (o engenheiro João Carlos Bello

---

<sup>4</sup> Os *Land Grant Colleges* surgiram nos Estados Unidos, na década de 1860, objetivando prioritariamente o incremento da agricultura. Foram criados a partir da reivindicação de pequenos e médios produtores por maior apoio do governo norte-americano para a agricultura e pela oferta de uma educação mais voltada para as atividades agrícolas, tendo como base ensinamentos práticos (RIBEIRO, 2010).

<sup>5</sup> Em seu início, a ESAV oferecia três modalidades de cursos. 1) Breves: instruções práticas e imediatas sobre agricultura e veterinária, com duração de oito semanas. 2) Elementares: com duração de um ano, visavam a preparação de agricultores e capatazes rurais. 3) Médios: com duração de dois anos, destinavam-se principalmente a filhos de fazendeiros ou agricultores que não tinham feito o curso ginásial. 4) Superiores: destinavam-se à formação de profissionais de Agronomia e Veterinária. A duração era de quatro anos, subdivididos em oito semestres (BORGES; SABIONI, 2010).

Lisbôa<sup>6</sup>), tinha também que se comprometer com modos de pensar que permitissem que os estudantes assumissem uma perspectiva de vida proativa e de retilíneo progresso racional. E no cultivo de tal perspectiva, os dirigentes da ESAV se dedicaram à produção de uma *ethos* institucional: o “espírito esaviano”.

Foi o já citado engenheiro Bello Lisbôa quem assumiu a responsabilidade de amansar esse “espírito” através de reuniões diárias com o corpo acadêmico, as quais eram denominadas de Reuniões Gerais<sup>7</sup>. Nestas, um professor era convidado para fazer uma preleção a todos os participantes da Escola sobre um tema livre que poderia englobar tanto questões técnicas, quanto também crenças, valores, moralidades, higiene, etc. Edson Potsch Magalhães, ex-aluno da ESAV, em entrevista concedida a Marinho (2001)<sup>8</sup>, relatou que “(...) Bello Lisbôa, nas Reuniões Gerais, lançou o espírito esaviano. Falava espírito esaviano com frequência; esse espírito de amor à instituição, à disciplina, o rigor aos estudos; o amor à instituição e à própria Pátria”.

Lisbôa já havia assumido o regime disciplinar da Escola antes mesmo de sua inauguração, uma vez que, ao lidar com os funcionários que trabalhavam na construção dos edifícios daquele campus, estabeleceu rígido controle das condutas dos trabalhadores, mantendo “firme campanha contra os ociosos que, sendo colocados, além dos prejuízos que economicamente causam, se tornam perigosos à comunidade pelo mau exemplo que dão (LISBÔA, 2004, p. 7). Transferindo aos estudantes sua firmeza com a disciplina do trabalho, Lisbôa se preocupou não apenas com a assistência estudantil, mas com um modo de ser estudante esaviano por ele idealizado. Entendia que um ser humano exemplar se plasmava na seriedade com que assumia suas tarefas no viver cotidiano, sendo que a responsabilidade pessoal era elemento fundante na formação profissional de um

---

<sup>6</sup> O fluminense João Carlos Bello Lisbôa foi diretor da ESAV no período de 1929-1936, tendo se formado em engenharia civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Recebeu igualmente os graus de agrimensor e contador. No ano de 1922, foi designado como engenheiro chefe das obras da ESAV.

<sup>7</sup> As Reuniões Gerais foram oficializadas no Art. 62 do Regulamento de 1926 da ESAV, contudo tiveram sua melhor descrição no Art. 49 do Regulamento publicado em 15 de dezembro de 1931:

*Realizar-se-á, nos dias úteis, uma reunião geral com duração máxima de quinze minutos, à qual comparecerão, sob a presidência do Diretor, todos os professores e alunos do estabelecimento. Nas reuniões gerais serão tratados, especialmente, assuntos que versem sobre higiene, civismo, economia, administração e sociologia. Aos alunos que faltarem a 30% do número total das reuniões gerais, com justificação, ou a seis, sem esta, não poderão ser conferidos certificados ou diplomas. Os alunos que incorrerem nas disposições citadas sujeitar-se-ão a exame, em 2ª. época, dos assuntos tratados nas reuniões gerais, nos semestres a que não tiverem alcançado frequência* (BORGES; SABIONI, 2010, p. 99).

<sup>8</sup> Conjunto não publicado de entrevistas com ex-estudantes da ESAV, conduzidas pela então estudante da UFV Cristiane Marinho, no ano de 2001. Esse material foi cedido para consulta e pesquisa para este trabalho pelo orientador da referida aluna, o professor Denílson Santos de Azevedo.

indivíduo. Nessa perspectiva, Lisbôa considerava que era necessário garantir o comprometimento do sujeito na sociedade a partir da implementação de uma disciplina austera que valorizasse o caráter mais que a força. O esaviano foi concebido, assim, como um ser que deveria realizar suas obrigações por livre vontade e por responsabilidade pessoal. De acordo com Lisbôa (1928, p. 13-14), na ESAV:

Os alunos são tratados como cidadãos, baseando-se a rigorosa disciplina mantida no estabelecimento, na responsabilidade pessoal de cada aluno. Está a Escola seguindo nova linha de educação, tudo fazendo para desenvolver o caráter de seus alunos, em vez de deprimi-lo. (...) Não se preocupa a Escola com altos muros, grades de ferro nas janelas dos dormitórios e outras velharias. Instituiu o regime de porta aberta, hora certíssima, muito trabalho, alimentação cientificamente sadia. Exige muito o estabelecimento o princípio da honestidade em tudo, proceder bem e obedecer as leis porque a consciência o exige.

A “hora certíssima” conduziu a vida discente a disciplinamentos do corpo, dos hábitos, do tempo, do vestuário, do convívio, dos valores; almejando a transformação daqueles alunos a partir de um modelo moral que associava o aprimoramento do caráter à excelência do progresso científico. A indisciplina consistia, então, em qualquer atividade que não fizesse parte do planejamento da Escola e que ferisse a integridade do “espírito esaviano”.

Por sua vez, o “espírito esaviano” se constituiu também em uma liga a unir os estudantes não apenas pelo aspecto disciplinar por ele postulado, mas também no fomento de uma identidade coletiva que se fortificava no convívio íntimo entre os discentes. A ideia de que tal espírito pudesse ser criticado ou mesmo ignorado pelos alunos era motivo de preocupação, uma vez que as condutas científicas e disciplinares eram entendidas como dimensões interconstituintes na construção do sujeito esaviano. Nesse contexto, Giacometti, então discente da ESAV, questionou:

Existe realmente o espírito esaviano? E o que vem a ser espírito esaviano? Aí estão duas perguntas que tenho ouvido com frequência desde os meus primeiros dias de ESAV, isso há cinco anos atrás, quando me bailava contra a dureza do Curso Complementar. (...) Definição: a exata seria difícil, mas rodeá-la, porém, talvez não o seja. Espírito esaviano é a vontade, a obrigação pessoal de fazer as coisas certas, como devem ser, tendo em vista a defesa das tradições, do nome e do progresso da ESAV. (...) Às vezes, eu me ponho a imaginar quão

ideal seria o alastramento deste espírito através de todo o povo brasileiro tão mal conduzido pelos seus governos, tão mal orientado em suas escolas primárias, secundárias e superiores (GIACOMETTI, 1947, p. 1).

Giacometti gravou as palavras supracitadas em um jornal estudantil da ESAV chamado de “O Bonde”. Este jornal, de tiragem semanal e fruto da iniciativa dos próprios discentes, teve seu primeiro número publicado em 1945 graças à colaboração dos tipógrafos da ESAV, e se manteve ativo, ainda que de maneira irregular, até 1963.

Dedicado aos acontecimentos diários da Escola, teve seu nome inspirado nos próprios movimentos dos estudantes, sendo que, segundo Lam-Sánchez<sup>9</sup> (2006, p. 290-291), “nos momentos de folga, principalmente depois das refeições, formavam-se os grupinhos, as ‘chacrinhas’, como a gente dizia. Quando a chacrinha virava bagunça, passava a bonde”. Bonde significava, pois, conversa alta, algazarra, bagunça, força juvenil a preencher os diferentes espaços de convívio. E foi na intenção de oferecer visibilidade a essa vida pulsante que se escondia nas frestas das disciplinas, ideários científicos e progressistas, que o jovem montes-clarense Antônio A. Athayde, aluno do Curso Médio da ESAV, anunciou, em 01 de setembro de 1945, o primeiro número de “O Bonde” com os seguintes dizeres:

Diversos são os motivos que nos mobilizaram para a fundação deste semanário. Objetivamos de início que ele seria uma tribuna livre para todo esaviano expor os seus pontos de vista, quaisquer que fossem. (...) Depois, olhamos para dois planos de vida existentes na Escola. Um é o trabalho sério que levamos de segunda-feira a sábado regulado, em horas certas, numa cadência quase marcial. O outro é preenchido por essa animação característica, de entusiasmo, de vida transbordante e todo ambiente estudantil. É esse lado expansivo, adubado de humorismo, que vai amenizar aqueloutro de labor e esforço. Mas, para maior lenitivo às nossas canseiras e maior proveito das horas de folgas, pensamos publicar nesta folha os quadros mais curiosos da vida esaviana – que nem sempre estão ao alcance da vista ou ouvido de todos – fazendo críticas, contando piadas e os “foras” de particular fertilidade de alguns colegas (ATHAYDE, 1945, p.1).

<sup>9</sup> Alfredo Lam-Sánchez é peruano, formado em 1961 em Agronomia pela Escola Superior de Agricultura da Universidade Rural de Minas Gerais, antiga ESAV.

Deste modo, Athayde e seus colaboradores trabalharam “O Bonde” na intenção de que ele fosse tanto um informativo humorístico a respeito da vida cotidiana da Escola, quanto também um canal que possibilitasse expressão a qualquer estudante que quisesse se fazer ouvir através daquele veículo.

A partir do segundo número daquele semanário, surgiram as colunas “Fatos e Boatos” e “Venenos”, sendo que esta última se manteve ativa durante todo o tempo de vida daquela publicação. Essas duas colunas, em especial, traziam muito da vida cotidiana da Escola a partir de brincadeiras, fofocas, enfim, bondes diversos transcorridos no convívio entre os próprios colegas. Outras colunas surgiram no jornal tendo esse mesmo objetivo de divulgar brincadeiras e ironias, mas as duas supra-citadas foram as que se mantiveram mais estáveis nas décadas seguintes.

Junto à publicização das chacotas, “O Bonde” trazia também, de tempos em tempos, colunas de cunho mais “polialesco”, uma vez que tinham o explícito propósito de vigiar aqueles que não seguiam a linha de conduta enaltecida no idealismo do “espírito esaviano”. Um exemplo disso foi o surgimento da seção “Ronda Esaviana”. Esta, apresentada pela primeira vez na edição de 27 de março de 1954, anunciava que seu objetivo era o de estabelecer uma prática de vigilância e de denúncia dos “desvios morais” e “mancadas” dos estudantes. O responsável por essa seção, que respondia pela alcunha de El Zorro (1954, p. 3), alertava que:

Trarei sob o título de “Ronda Esaviana” todos os fatos verídicos que se passam e que, pela sua gravidade ou talvez por falta de tempo dos alcoviteiros, ficaram desconhecidos. Antecipo, aos amigos, que cuidem carinhosamente de seus segredos e de suas marretas, pois, ao contrário, minha perspicácia ativa e ultramente Raio X se fará sentir em todos os próximos números

A questão a ser considerada é que também “Venenos” e “Fatos e Boatos” carregavam consigo essa vertente de vigilância e denúncia de “desvios”, porém isso se dava de maneira mais sutil e humorística, surgindo no jornal na forma de chacotas. Muitas dessas chacotas tinham como temática a aproximação afetiva entre os estudantes da

Escola, pois, sendo uma casa prioritariamente masculina até o final da década de 1940<sup>10</sup>, as relações que sugeriam homoafetividade e/ou condutas afeminadas não se furtavam de serem “denunciadas” em diferentes momentos daquele jornal. É o que, por exemplo, podemos capturar no seguinte fragmento publicado na seção “Venenos”:

Dois vultos apenas na escuridão noturna. Nenhum barulho, pois o movimento cessou. A lua semi ilumina os dois vultos, cujas silhuetas deixam notar apenas o movimento dos lábios, ardentes em chamas. A brisa sopra levemente, e eles pouco se movem. Conversam loucamente. O que? Ninguém ouve. Continua a brisa a soprar, e com o frio quase que as duas figuras unem-se. As horas passam e eles permanecem conversando. Foram feitos um para o outro. Entendem-se firmemente. O sol está para sair. Vem aparecendo. Os vultos são agora visíveis. Panterinha e Hibraim conversavam sobre a viagem à lua. (SILVANA, 1951, p.3)

O tom da escrita é de suspense. Uma escrita que sugere a existência de um encontro amoroso entre dois homens na ESAV, sendo que o narrador parece sustentar sua vigiância durante toda aquela noite na intenção de descobrir e revelar a identidade daqueles que conversam “loucamente” na madrugada. E por mais que a “denúncia” daquele encontro noturno fosse uma brincadeira por parte do estudante-narrador, a mesma não se furta de ser indicativa do incômodo existente em torno de possíveis envolvimento homoafetivos entre discentes daquela instituição. Encontros sob a lua que seguem “denunciados” na mesma seção “Venenos” em passagens como:

O capitão de guardas noturnos de Viçosa, Sr. José Escondido Wolf, acaba de recrutar mais um pracinha para sua companhia. É ele o conhecido Rufião Arara, vulgo “capadinho”. E por isso que temos visto os dois referidos “Police-men” juntos até caladas da hora. (FREDDY, 1945 p.2 ) no. 3

A velada alusão a homossexualidades surgia também permeada às chacotas, como as publicadas em Fatos e Boatos:

---

<sup>10</sup> A partir de 1949 a Escola Superior de Agricultura passou a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), quando foi inaugurada a Escola Superior de Ciências Domésticas. Com isso a UREMG passou a acolher um número cada vez crescente de mulheres em seu campus.

Que o matraca não é bonitão é boato, mas que o Cesário disse: Mas que homem!, é fato.(XIXI, 1946 [3] p.4)

Que o Costinha queria ficar em Dão Pedrito é boato, mas que um rapaz delicado foi com a pinta dele, é fato. (XIXI, 1946 [2], p. 2)

Que o Cocão não dansou(sic) bem a conga no baile é boato, mas que duvidaram dele... é fato.(OLEO E OLARIA, 1945, p.3).

Que taxinha brincou no Carnaval é boato; mas que ele soprou muitos adjetivos no ouvido de u'a moça , pensando que era “home” é fato (XIXI, 1946 [1], p. 2)

Temos, portanto, que aos esavianos, nutridos no espírito de correção, cientificidade e hora certíssima, era tolerado transitar numa zona de fronteira sexual através das brincadeiras de “O Bonde”; contudo a própria chacota sinalizava para a impropriedade de se enraizar atitudes que fugissem à moral do ethos esaviano. Dessa maneira, assumimos “O Bonde” como sendo uma dimensão fronteira entre o ativar a passagem de diferentes expressões e a perspectiva de denúncia do que não se encaixava no já estabelecido. Enquanto ponto de passagem, porém, O Bonde acionava fluxos variados que atualizavam temáticas ditas apenas nos bastidores institucionais. Funcionava, pois, como um dispositivo de desinvisibilização, o que se por um lado evidenciava o que estava “oculto” ao olhar vigilante das moralidades, acionava igualmente potências que perturbavam a aparente verdade das formas instituídas. Assim, enquanto fronteira, O Bonde:

(...) é lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confronto. Ela separa e, ao mesmo tempo, põe em contato culturas e grupos. Zona de policiamento é também zona de transgressão e subversão. O ilícito circula ao longo da fronteira. Ali os enfrentamentos costumam ser constantes, não apenas e tão somente através da luta ou do conflito cruento, mas também sob a forma da crítica, do contraste, da paródia (LOURO, 2008, p.19:20)

E foi numa condição de fronteira que Jorge, aluno da ESAV, foi anunciado e “denunciado” na seção “Venenos” pela circunstância de, aparentemente, possuir uma voz mais aguda: “O Jorge depois do teatro deu para engrossar a voz. Dizem que foi recomendação do brotinho. Ela já estava desconfiada” (VENENOS, 1948, p. 4). Jorge

fora denunciado porque do homem esaviano era esperado que fosse um sujeito de iniciativa e curiosidade científica, mas também de postura ativa com as mulheres. Contudo, como muitos dos esavianos eram adolescentes e adultos jovens que conviviam em regime de internato, vários tendiam a ser tímidos no trato com o sexo oposto<sup>11</sup>. Nisso eles eram estimulados pelo O Bonde a serem mais viris no cultivo de uma masculinidade marcada pela ousadia na sedução e na conquista. Tal fato é ilustrado em uma suposta troca de correspondências – publicada no semanário em uma seção denominada “Carta de Amor” – em que um esaviano tímido e sonhador é “desafiado” por uma mulher a ter mais atitude para com ela. Segue a troca de missivas publicada no jornal:

Minha querida. Certamente serás tomada de grande surpresa ao ler a presente, visto que os teus lindos olhinhos pressurosamente percorrerão todas suas linhas até a última palavra, a fim de buscar o nome do seu signatário. Infelizmente, minha querida, o seu nome não pode aparecer aqui, e só aparecerá no futuro, se tu o adivinhares, disso, não tenho a menor dúvida, dado que sou conhecedor do alto grau da tua inteligência, da argúcia e do talento do teu espírito, os quais tornaram-te um tipo superior de mulher, um tipo de mulher adorável!... Muito a contra gosto, meu grande amor, sou forçado a lançar mão de uma incógnita para falar contigo, pois, pessoalmente, ser-me-ia impossível confessar, externando embora superficialmente, o que penso e o que sinto a teu respeito. (...) Daí prá cá passei a sofrer, minha querida, passei a viver na indolência dos sonhos de amor, do amor que venho dedicando a ti, e procurando agasalhar minha dor na evocação saudosa das melodias que somente o coração que ama sabe cantar e sentir (AMANTE MISTERIOSO, 1948, p.1;4)

Meu amante misterioso. Não fui tomada de surpresa alguma ao ler a sua prosaica e aérea carta de amor. (...) Há tempos que sinto em meus olhos ávidos o perscrutar indeciso e clamante dos seus platônicos e sofredores olhinhos. Há tempos que desejo ser apertada por seus braços, beijada por seus lábios angelicais (assim os imagino), mas você não se decide. Vamos, velhinho, coragem. (...) Meu caro Amante Misterioso, seja ou não sinal dos tempos, essa história de participar apenas de seu coração não me satisfaz. Porque não me aborda, rasga o verbo e etc..? Porque se você não fizer isso eu faço. Assim, termino com um abraço apertado,

<sup>11</sup> A rotina dos estudantes da ESAV envolvia estudo, ida a bares na cidade de Viçosa, ida ao cinema e passeio na praça principal da cidade. Muitos iam a esta para apreciar as mulheres, as quais, em grupo, circulavam a praça na direção horária, enquanto os homens a circulavam em direção anti-horária. Assim, muitos amores dos esavianos eram “delírios romancescos”.

um desses beijos de desentupir pia e o conselho de u'a moça que o quer:  
"Homem que é homem, não bobéia" (AMOROSA, 1948, p. 1)

Na troca das cartas de amor, imergimos novamente em uma dimensão fronteira onde a condição masculina é apresentada como idealizadora e romântica, enquanto a feminina se mostra assertiva, direta e objetiva. Nas cartas, os personagens transgridem as regras de relações de gênero hegemônicas naquela cidade do interior mineiro da década de 1940, onde das mulheres era esperado uma maior passividade e dos homens a altivez necessária para quebrar a resistência feminina. Contudo, não era sugerido ao esaviano que se perdesse em romances e devaneios, apesar do reconhecimento da presença de tal sensibilidade no meio estudantil. Assim, da mesma maneira que no fazer ciência agrária era exigido daqueles estudantes uma atitude crítica que primasse pela racionalidade e pela objetividade (a fim de que não se recaísse na fragilidade de um empirismo ingênuo), nas instâncias de conduta social e afetiva também lhes era cobrada uma masculinidade ativa, objetiva, empreendedora, sendo pouco estimulado o transitar em dimensões de feminilidade (apresentada como sensível, frágil, sentimental e passiva), sob o risco de serem expostos a comentários em O Bonde.

A discussão a respeito do cultivo da sensibilidade feminina em relação com a masculina naquela Escola apareceu também em um artigo de O Bonde intitulado "*Majestade*<sup>12</sup>". Neste, o autor, sob o pseudônimo de Von, trouxe questionamentos a respeito do processo social de fabricação de uma masculinidade marcada para ser objetiva, racional e "predadora", indicando o quanto tal processo pesava nos cotidianos dos homens esavianos. Assim, Von, refletindo sobre a presença feminina da rainha da ESAV entre eles, argumentou:

Naquela noite fria e úmida, Vossa Majestade passou, sorriu, cumprimentou e desapareceu na curva do caminho. Ela passou e eu fiquei a filosofar; filosofia barata, é claro, mesmo porque o nosso infame regime de provas e sabatinas mensais não permite altas elevações do espírito. Era o caso de dizer: "Cadê tempo?" Vi em Vossa Majestade um ponto de harmonia entre os comportamentos mais discrepantes da ESAV. (...) Porque precisamos de rainha?- O meu

<sup>12</sup> Anualmente, fazia-se na Escola a eleição da rainha da ESAV, que era escolhida entre pretendentes da cidade de Viçosa. A vencedora do pleito era qualificada como Majestade. Tal evento se tratava de um grande acontecimento social para o corpo discente. Segundo Borges (2006), a primeira rainha da ESAV foi Marina Gomes, eleita em 1937.

mesquinho espírito filosófico respondeu:- Não sabes que a E.S.A.V é mulher, e o seu núcleo é de células masculinas? Ela precisa de alma, alma sensível às mínimas reações; porisso(sic) criou um trono, e para ele uma rainha. Querias que fosse ocupado por um homem? Serás tão fingido a ponto de querer ocultar a sensibilidade embrutecida dos homens, muitas das vezes sufocada pela necessidade de ser homem? Não sabes que os do teu sexo apenas lamentam o desgraçado acidentado para, segundos após, completamente esquecidos, contornar com olhos inquietos e cubiçosos, as linhas sinuosas da “nega” que passa? Quem iria sentir o desgarrar de uma ovelha do rebanho Esaviano? Quem iria “soluçar” pela degeneração total do rabicho, pelos constantes repentes romanescos e estúpidos do Quevedo, pelas perseguições sem trégua do Papa-Angú? Se queres mais provas da sensibilidade real, feminina, olha o poeta de “Pequenino Morto”: “... Enquanto os pais não dizem nada, os corações das mães choram baixinho” (VON, 1945, p. 2-3)

As palavras acima nos remetem às considerações de Nolasco (1993, p. 2), quando este apontou que “os homens abrem mão da própria liberdade quando negam seus limites, história de vida, desejos e sonhos para tentar reproduzir o padrão de comportamento definido a priori para eles”. Assim, a leitura de “O Bonde” nos indica que a condição masculina do esaviano existia em alguns momentos na tensão fronteira entre o que era socialmente construído e aceito e o que deveria ser sufocado em termos de sensibilidade e afeto: tudo em nome da dedicação aos estudos, à agricultura e às sabatinas que intimidavam “filosofias mais ricas”.

## Conclusão

Acreditamos, portanto, que em meio a um contexto tradicional de exaltação moral, cívica e de fidelidade à agricultura, à Escola e à Pátria, “O Bonde” fazia tantas vezes um papel contraditório: clamava pela existência do espírito esaviano, na denúncia (sutil e/ou explícita) de posturas que denegrissem os valores institucionais, e, simultaneamente, alimentava pontos de passagem e zonas de fronteira de sentido que, questionando verdades, tinham o poder de produzir incômodo às realidades instituídas. Realidades estas que conclamavam os discentes, por exemplo, a habitarem dimensões masculinas que exigiam que – fosse na ciência agrária; fosse no campo dos afetos – “homem que é homem, não bobeia”. Contudo, era através de “bobeiras” e “chacrinhas” em interstícios de seus momentos de estudo, que aqueles jovens esavianos faziam bonde e construía diferentes sensibilidades – “filosofias baratas” – que emergiam em vagabundo pensar nas

páginas de um jornal que, por ter sido qualificado como “pouco sério” pela administração institucional e pelos próprios discentes, pôde sobreviver duas décadas dançando entre a valorização da ordem instituída e a temerária invenção de diferentes possibilidades expressivas na diversidade cotidiana experienciada naquele campus.

## Referências

- AMOROSA. Carta de amor. In: **jornal “O Bonde”**, n. 63, ESAV, 10/04/1948.
- AMANTE MISTERIOSO. Carta de amor. In: **jornal “O Bonde”**, n. 62, ESAV, 03/04/1948.
- ATHAIDE, Antônio A. Apresentação. In: **jornal “O Bonde”**, n. 1, ESAV, 01/09/1945.
- BERNARDES, Arthur da Silva. Discurso no ato inaugural da ESAV. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch (Org.). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. Viçosa: UFV, 2006.
- BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch (Org.). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. Viçosa: UFV, 2006.
- BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. **Legislação de importância histórica**. Viçosa: Editora UFV, 2010.
- CONNELL, Raewyn. & MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. *Estud. Fem* [online]. 2013, vol.21, n.1. Disponível in: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>  
Acesso em: 17 de jun de 2016.
- CORTÉS, José Miguel G. **Hombres de marmól: códigos de representación y estrategias de poder de la masculinidad**. – Madri: Editorial: Egales – Barcelona, 2004.
- EL ZORRO. Ronda Esviana. In: **jornal “O Bonde”**, n. 138, ESAV, 27/03/1954.
- ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA**. ESAV 1939. Viçosa: 1939. 64 p.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. 40ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- FREDDY, Venenos. In: **jornal “O Bonde”**, n. 3, ESAV, 15/09/1945.

GIACOMETTI, D. C. Espírito Esaviano. In: **jornal “O Bonde”**, n. 45, ESAV, 26/04/1947.

LAM-SÁNCHEZ, Alfredo. **A UFV nos tempos da Escola Superior de Agricultura- UREMG**. Viçosa: Editora UFV, 2006.

GUASH, Oscar. **Héroes, científicos, heterossexuales y gays. Los varones en perspectiva de género**. Barcelona: Edicions: Bellaterra, S.L, 2006.

LISBÔA, João Carlos Bello. Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais. IN: **Boletim de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais**. Ano I, Num. I, 1928.

\_\_\_\_\_. **Relatório de construção da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais – ESAV (1929)**, elaborado pelo engenheiro João Carlos Bello Lisbôa. Viçosa: UFV, 2004.

LOURO, Lopes Guacira. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. 1 ed.; 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 25ª ed. São Paulo: Graal, 2012.

MARINHO, C. M. **Entrevista a ex-alunos da ESAV, 2001**. (mimeo)

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1993.

OLEO E OLARIA. Fatos e Boatos. In: **jornal “O Bonde”**, n. 3, ESAV, 15/09/1945.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da Masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. 261 páginas

SILVANA. Venenos. In: **jornal “O Bonde”**, n. 91, ESAV, 26/05/1951.

RIBEIRO, Maria das Graças Marcelo. Uma instituição modelar: a experiência da Escola de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV) – 1926 - 1948. Uberlândia: Cadernos de História da Educação, v. 9, n. 1, - jan/jun 2010.

VENENOS. In: **jornal “O Bonde”**, n. 75, ESAV, 04/11/1948.

VON. In: **jornal “O Bonde”**, n. 8, ESAV, 20/10/1945.

XIXI. Fatos e Boatos. In: **jornal “O Bonde”**, n. 15, ESAV, 23/03/1946 [1].

XIXI. Fatos e Boatos. In: **jornal “O Bonde”**, n. 17, ESAV, 06/04/1946 [2].

XIXI. Fatos e Boatos. In: **jornal “O Bonde”**, n. 18, ESAV, 13/04/1946 [3].